

**DOSSIÊ ESPECIAL**  
**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ENSINO DE LÍNGUAS, LITERATURAS E**  
**OUTRAS LINGUAGENS: PESQUISAS E PRÁTICAS**

*ANTI-RACIST EDUCATION AND THE TEACHING OF LANGUAGES AND LITERATURES:  
RESEARCHES AND PRACTICES*

**Maria Betânia Almeida Pereira<sup>1</sup>, Andréa Rodrigues<sup>2</sup>, Marcos Antonio Batista da Silva<sup>3</sup>, Roberto Carlos da Silva Borges<sup>4</sup>, Marcia Lisbôa Costa de Oliveira<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ  
São Gonçalo, RJ, Brasil  
maria.betania.pereira@uerj.br  
<https://orcid.org/0000-0002-2709-9368>*

<sup>2</sup> *Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ*

*São Gonçalo, RJ, Brasil  
andrearodrigues.letras@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-9091-6108>*

<sup>3</sup> *Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais (UC – CES)*

*Coimbra, Portugal  
marcos.psico@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0003-2701-0316>*

<sup>4</sup> *Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET*

*Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
roberto.borges@cefet-rj.br  
<http://orcid.org/0000-0001-9373-748X>*

<sup>5</sup> *Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ*

*São Gonçalo, RJ, Brasil  
lisboamarcia@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-0141-4008>*

O periódico “Pensares em Revista”, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), vem a público apresentar o dossiê “Educação antirracista e Ensino de Línguas, Literatura e Outras Linguagens: pesquisa e práticas”, organizado por Maria Betânia Almeida Pereira (UERJ), Andréa Rodrigues (UERJ), Roberto Carlos da Silva Borges (CEFET/RJ), Marcos Antonio Batista da Silva (CES/UC/POLITICS), Marcia Lisbôa Costa de Oliveira (UERJ).

Nesta perspectiva, o debate fomentado por meio dos textos apresentados no dossiê está atento ao processo histórico de uma sociedade que marginaliza corpos racializados (negros, povos indígenas), e de outros grupos excluídos/minoritários que resistem, avançam e sobrevivem, mesmo diante da perversidade do racismo e de todas as formas de discriminação e desigualdades sociais que insistem em lhes dizer não.

As sociedades contemporâneas insistem em tentar silenciar a História e Cultura Afro-brasileira, Africana e dos povos indígenas. E isto inclui muitas vezes as universidades. Mas encontra nos movimentos sociais (Movimento Negro, movimento estudantis negros, movimento dos povos indígenas) luta, resistência, coragem e enfrentamento ao racismo e diferentes discriminações.

Compreendemos que Educação é uma ferramenta de extrema importância em relação ao combate ao racismo e para a inclusão das populações racializadas. Para tanto a universidade precisa desenvolver programas educacionais, em especial para a formação de professores tanto nas escolas como na Educação Superior que objetivem combater o racismo e a descolonização de suas culturas acadêmicas, curriculares e epistemológicas, muitas vezes fundadas como um domínio institucional onde as desigualdades e os quadros eurocêntricos são historicamente (re)produzidos (Araújo; Maeso, 2015)<sup>1</sup>.

Portanto é urgente e necessário o encorajamento, a aprendizagem em especial em componentes curriculares obrigatórios da História e das culturas dos povos africanos, povos de ascendência africana, povos indígenas, entre outros no campo educacional, em particular nas universidades públicas. Deste modo, os artigos contemplados neste número reuni texto sobre teorias, investigações e ações para uma educação antirracista – fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e equitativa.

Na abertura do dossiê, a “Conversa entre pretos: entrevista com Giovanni Harvey”, proposta por proposta por Gysele Colombo Gomes e Suellen Thomaz Martins, apresenta relatos e reflexões sobre racismo e antirracismo por parte do entrevistado, atual Conselheiro Benemérito do Conselho Municipal dos Direitos dos Negros (COMDEDINE) e Presidente do Conselho Deliberativo do Fundo Baobá. A partir desse diálogo, Giovanni Harvey aponta alguns caminhos trilhados por ele, por meio de projetos sociais, no enfrentamento das desigualdades étnicas que estruturam as relações sociais no Brasil e tece algumas provocações em relação à branquitude e seus efeitos na perpetuação do racismo no Brasil.

A seguir, apresentamos dois artigos que discutem, respectivamente, o racismo epistêmico e a colonialidade, tecendo reflexões e propostas para a educação e a formação de docentes em uma perspectiva crítica antirracista.

Simone Batista de Silva aborda, em “De racistas compulsórios a antirracistas: contribuições possíveis para mudanças urgentes”, reflete sobre o racismo no Brasil,

---

<sup>1</sup> Araújo, M., & Maeso, S.R. (2015a). Eurocentrism, Racism and Knowledge: Debates on History and Power in Europe and the Americas. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

discutindo as vertentes individual, institucional e estrutural que ele assume, ao mesmo tempo que defende “a imprescindibilidade de estarmos despertos para identificar a engrenagem racista que mantém o funcionamento da sociedade brasileira”. A autora desenvolve ampla reflexão sobre os conceitos de raça e racismo, articulando-os à concepção de racismo epistêmico (Grosfoguel, 2016) e racismo estrutural da sociedade brasileira contemporânea, pensando a necessidade de engajamento dos brancos brasileiros na luta antirracista e atitudes que, atravessando a formação de docentes, podem colocar em movimento uma educação linguística crítica antirracista nas escolas brasileiras.

Em “*Decolonialities and multimodal literacies in a teacher-formation course*”, Ricardo Toshihito Saito tematiza a colonialidade, que constrói linhas abissais (SOUSA SANTOS, 2010). Ele discute as concepções de colonialidade do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2000; MIGNOLO, 2007), e destaca o conceito de raça, um dos pilares do paradigma Eurocêntrico da modernidade-racionalidade (QUIJANO, 1992). O autor assume a perspectiva das Epistemologias do Sul (SOUSA SANTOS, 2010) como estratégia para desconstrução de traços coloniais “em um curso de trans-formação de professores por meio de meta-aulas (SAITO, 2021)”, apresentando materiais pedagógicos multimodais que buscam “transgredir” a hegemonia dos letramentos grafocêntricos e criar movimentos decoloniais no ensino de línguas.

Dando sequência ao dossiê, enfeixamos três trabalhos que tematizam o lugar da literatura na luta antirracista, abordando o teatro, textos de autoria feminina negra e sambas-enredo.

No artigo “O teatro na produção fabular e crítica de um pensamento antirracista”, alinhada ao pensamento de luta e educação antirracista, a pesquisadora e atriz Soraya Martins Patrocínio coloca em cena a prática teatral enquanto poderosa ferramenta de ações, pois traduz a experiência e a memória do negro no Brasil, demole estereótipos que reforçam preconceitos raciais e, nas palavras da autora “processa a reposição do negro de objeto enunciado a sujeito enunciator da sua própria história e subjetividade”. A pesquisa retoma o Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias Nascimento em 1944, enquanto primeiro elemento do movimento afro-brasileiro e tece outras análises na contemporaneidade, levando em conta o lugar

do teatro de partilha estética que emerge performances, recriam histórias e identidades.

A partir de um percurso teórico-metodológico pensado na prática em sala de aula, Maria Betânia Almeida Pereira e Simone Ribeiro da Conceição refletem, no texto “Literatura de autoria feminina negra no chão da escola: impactos e produções”, acerca da relevância da produção literária de autoras negras no contexto escolar, dialogam com as obras e engendram um debate em torno de uma educação antirracista. Para as autoras do artigo, inserir os textos literários de autoria feminina negra na educação básica contribui tanto para a reflexão crítica do sistema racista impregnado na sociedade brasileira, quanto para as potencialidades das identidades negras. Nesse sentido, retomam o conceito de literatura afro-brasileira, focalizam determinadas autoras e inserem exemplos de atividades realizadas no chão da escola, em parceria com educadores antirracistas.

No artigo “História pra ninar gente grande” – samba, antirracismo e pedagogia dos multiletramentos no ensino de língua portuguesa, Karla Veloso de Carvalho e Marcia Lisbôa Costa de Oliveira partem da compreensão do samba como “elemento de resistência cultural, de solidarização e de construção identitária de populações negras” para apresentarem uma proposta antirracista de ensino de Língua Portuguesa. As autoras articulam a discussão de aspectos histórico-culturais e ideológicos do samba-enredo e do desfile da escola de samba G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira de 2019 – entendidos como construções semióticas multimodais que contribuem para a reflexão crítica acerca do racismo estrutural no Brasil.

Os dois textos apresentados em sequência discutem relações entre linguagem e relações étnico-raciais.

O artigo “Produções em linguagem e questões étnico-raciais”, de Marcos Antonio Batista da Silva, revisa produções científicas referentes à linguagem que foram publicadas em artigos indexados no portal da SciELO (2015 a 2020), com a proposta de apreender quais assuntos e áreas do conhecimento têm ocupado com maior frequência essas publicações e se estas têm discutido sobre relações étnico-raciais. O estudo é feito a partir de aportes teóricos dos estudos de racismo e linguagem com tem discutido Michele Back e Virgina Zavala (2017), além da perspectiva da hermenêutica de profundidade (HP), de J.B. Thompson (2011), como

referencial metodológico. A análise mostra um reduzido número de estudos que relacionam a linguagem ao contexto do debate étnico-racial e o autor sugere que outras investigações busquem problematizar acerca do tema de raça e linguagem, racismo e linguagem.

Em “Discurso antirracista: as reverberações da lei nº 10.639/2003 no livro didático”, Zilene Oliveira Nascimento e Elaine Rodrigues Perdigão, apresentam uma análise documental de um livro didático de História adotado no ensino médio em uma escola de rede pública, com o objetivo de verificar os recursos verbais e não verbais utilizados para representar o negro no contexto da temática das relações étnico-raciais, a partir da Lei nº 10.639/2003. A proposta foi verificar até que ponto o livro didático reverbera novos sentidos e representações em torno da figura do negro no Brasil. Adotou-se como abordagem metodológica a leitura multimodal do texto, conforme estudo de Peled-Elhanan.

A seção Varia traz o artigo “Educação linguística no contexto de graduandos surdos: contribuições dos estudos decoloniais e de translinguagem”, em que Valéria Campos Muniz e Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos, sob a influência da abordagem crítica fornecida pela perspectiva dos estudos de Decolonialidade, enfrentam as fronteiras impostas pelas relações de poder concernentes à produção do conhecimento, dialogando com o tema do dossiê. O artigo mapeia aspectos linguístico-discursivos da escrita dos surdos, sob a ótica da translinguagem, assumindo um posicionamento que desloca o olhar preconceituoso sobre a produção proveniente de grupos minoritarizados (CAVALCANTI, 1999), partindo da premissa que os dois idiomas, a língua portuguesa e a Libras, encontram-se à disposição do falante, conformando um sistema integrado (YIP; GARCIA, 2017).

Fechando o número especial da *Pensares em Revista*, apresentamos duas resenhas relacionadas à temática discutida no dossiê. Ao resenhar o curta-metragem *Ser feliz no vão*, a autora Juliana de Souza Barbosa faz uma análise detida dos espaços em que circulam os corpos negros, de forma a evidenciar os territórios em que a exclusão desses corpos é ideologicamente pensada. Nesse sentido, o texto propõe uma reflexão crítica com base no sistema estrutural da sociedade brasileira que alimenta o racismo e o processo de divisão das classes sociais, em que o negro ocupa o último plano. Outras questões são trazidas à tona, quando a pesquisadora

dialoga com os processos da linguagem artística notadamente construídos pelo diretor Lucas H. Rossi dos Santos: imagens, sons músicas e danças configuram a multiplicidade das vozes e dos corpos da diáspora africana, conclamando para a luta antirracista.

Na resenha do livro “O fim do império cognitivo”, de Boaventura de Souza Santos, Marcia Lisbôa Costa de Oliveira discute projeto de transformação da episteme eurocêntrica desenvolvido pelo sociólogo, focalizando as concepções de epistemologias do sul e linha abissal. A autora parte da análise do quadro *Magnanim@s*, de Mario Vitória (Acrílico sobre tela, 2015), apresentado na capa da edição brasileira da obra de Souza Santos, para pensar o *corazonar*, conceito dos povos andinos posto em evidência na obra resenhada. Destaca, ainda, possíveis impactos da descolonização cognitiva, tendo em vista a criação artesanal de modos de ser, pensar e fazer epistemologias, metodologias e pesquisas pós-abissais, na direção de um futuro social solidário, equitativo e marcado pela esperança.

Desejamos que a leitura desse dossiê especial - em cuja elaboração tomamos como mote a concepção de Angela Davis, segundo a qual, em sociedades estruturalmente racistas, não é suficiente não ser racista, é preciso ser antirracista<sup>2</sup> - provoque movimentos de transformação.

#### **Sobre os organizadores e as organizadoras**

##### **Maria Betânia Almeida Pereira**

Doutora em Letras pela UFF, professora adjunta do Departamento de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua nos Cursos de Graduação, Especialização e Mestrado Profissional em Letras, na FFP-UERJ. É editora chefe da *Pensares em Revista* e Coordenadora do Subprojeto Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Faz parte dos grupos de pesquisa: Caminhos da Literatura Brasileira – CNPq UFF; Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social - PROFJUS -, da FFP-UERJ. Pesquisa principalmente os seguintes temas: Literatura e ensino; Literaturas de autoria feminina negra; Literatura Afro-Brasileira e formação de professores.

##### **Andréa Rodrigues**

Doutora em Letras pela PUC-Rio (2001), com estágio de doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (França, 1997) e Pós-Doutorado no Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO (2013). Fez Mestrado em Linguística (UFRJ, 1993) e Graduação em Letras (UFF,

<sup>2</sup> Anti-Racist Resources Disponível em: <https://www.bmcc.cuny.edu/student-affairs/counseling/anti-racist-resources/> Acesso em 01 out. 2021.

1987). É professora da Graduação em Letras, do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística (PPLIN) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFPUERJ). Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Língua e Discurso (NELID). Atualmente, coordena a área de estudos linguísticos do PPLIN.

#### **Roberto Carlos da Silva Borges**

Professor Titular do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do CEFET/RJ. Atua na área Interdisciplinar, com foco nas relações raciais, no antirracismo, no cinema negro e nas práticas identitárias em mídias filmográficas. Tem como interesse de pesquisa as mídias em geral e, em particular, os filmes de longa e/ou curta metragens produzidos e protagonizados por pessoas negras. É Diretor de Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ, Diretor de Áreas Acadêmicas da Associação Internacional de Investigadores e Investigadoras Negros e Negras da América Latina e do Caribe (AINALC) e membro do grupo de trabalho Afrodescendência e Propostas Contra-Hegemônicas do Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales (CLACSO).

#### **Marcos Antonio Batista da Silva**

Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Investigador em Pós-doutoramento na Universidade de Coimbra (UC), Centro de Estudos Sociais (CES), Portugal, no âmbito do projeto POLITICS - A política de (anti)racismo na Europa e na América Latina: produção de conhecimento, decisão política e lutas coletivas (Projeto 725402 - POLITICS - ERC-2016-COG). Doutorado sanduíche no exterior (PNPD/CAPES) /CES/UC. Tem pesquisas nas áreas da Psicologia Social e Educacional, sobre a temática das relações étnico-raciais e juventude. Mestrado em Psicologia Educacional. Graduação em Psicologia. Especialização em Educação para as relações étnico-raciais. Professor colaborador da Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara-Unesp, Brasil. Professor Colaborador (ação de Extensão) 2021 - A UFPB no enfrentamento à pandemia do novo coronavírus, NEABI/UFPB - AFROCIENTISTAS: auto(cuidado) à saúde e à construção da cidadania, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor convidado da Facultad de Ciencias Sociales (Antropologia) - Universidad Nacional Mayor de San Marcos

#### **Marcia Lisbôa Costa de Oliveira**

Doutora em Letras (FL – UFRJ, 2002) com Pós-Doutorado em Letras Modernas (FFLCH-USP, 2017). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ. Bolsista do Programa PROCiência (DEPESQ/UERJ) e líder do Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (PROFJUS). Pesquisa principalmente os seguintes temas: letramentos, decolonialidade, formação de professores de línguas e desigualdades sociais.